

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE CARAÚBAS
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2024)

**COMPOSICIONALIDADE DE NOMES EM –NTE DO SÉCULO XX: UMA
ABORDAGEM CENTRADA NO USO**

**COMPOSITIONALITY OF –NTE NOUNS IN 20TH CENTURY: A USAGE-BASED
APPROACH**

Francisca Vidânia de Lima Souza ¹
Fernando da Silva Cordeiro ²

RESUMO

Este artigo estuda a composicionalidade dos nomes deverbais em *–nte*: substantivos e adjetivos do português brasileiro, licenciados pelo acréscimo do sufixo *–nte* a uma base verbal (a exemplo de *assinante*, *dependente*, *contribuinte* etc). Tratamos esse padrão de palavras como uma construção, ou seja, um pareamento de forma e função, em que aspectos formais estão intrinsecamente ligados a aspectos funcionais (*semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos*). Assim, temos como objetivo principal investigar quais propriedades formais e funcionais contribuem para a composicionalidade dos nomes deverbais em *–nte*. Propriedade esta que reflete o grau de transparência entre a forma e a função de uma construção. Para isso, apoiamos-nos teoricamente na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e no modelo teórico da Gramática de Construções (Goldberg 1995, 2006; Croft 2001; Traugott; Trousdale 2013). Metodologicamente, a pesquisa é qualitativa, com suporte quantitativo, e descritivo-explicativa em relação aos objetivos. O *corpus* utilizado consiste em 367 ocorrências, retiradas do *Corpus* para a História do Português Brasileiro (CPHPB), referentes ao século XX. Os resultados demonstraram que, a partir da análise baseada em quatro parâmetros, foi possível a identificação de um *continuum* de composicionalidade. Ao observar a distribuição dos dados nesse *continuum*, verificou-se que os nomes em *–nte* são mais composicionais. Essa maior composicionalidade pode ser atribuída a três parâmetros principais, a saber: analisabilidade, correspondência de sentido entre a base verbal e o nome deverbal, e a especialização semântica de certos itens lexicais em contextos específicos. Logo, apenas o parâmetro referente à herança (ou não) da estrutura sintático-semântica da base verbal apresentou uma tendência maior à não composicionalidade.

Palavras-chave: Nomes em *–nte*; Composicionalidade; Linguística Funcional Centrada no

¹ Graduanda em Letras-Português pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido, (UFERSA), E-mail: vidaniasouza123@gmail.com.

² Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), E-mail: fernando.cordeiro@ufersa.edu.br.

Uso; Gramática de Construções.

ABSTRACT

This article studies the compositionality of deverbal nouns in *-nte*: nouns and adjectives in Brazilian Portuguese, licensed by the addition of the suffix *-nte* to a verbal base (such as *assinante*, *dependente*, *contribuinte*, etc.). We consider this pattern a construction, i.e. a pairing of form and function, in which formal aspects are symbolically linked to functional aspects (semantic-cognitive and discursive-pragmatic). Thus, our main objective is to investigate which formal and functional properties contribute to the compositionality of deverbal nouns in *-nte*. This property reflects the degree of transparency between the form and function of a construction. Our theoretical framework is Usage-Based Functional Linguistics and Construction Grammar (Goldberg 1995, 2006; Croft 2001; Traugott; Trousdale 2013). Methodologically, the research is qualitative, with quantitative support, and descriptive-explanatory in relation to its objectives. The corpus consists of 367 occurrences, taken from the Corpus for the History of Brazilian Portuguese (CPHPB), referring to the 20th century. The results showed that, from the analysis based on four parameters, it was possible to identify a continuum of compositionality. When observing the distribution of the data on this continuum, it was found that nouns in *-nte* are more compositional. This greater compositionality can be attributed to three main parameters: analyzability, correspondence of meaning between the verbal base and the deverbal name, and the semantic specialization of certain lexical items in specific contexts. Therefore, only the parameter referring to the inheritance (or not) of the syntactic-semantic structure of the verbal base showed a greater tendency towards non-compositionality.

Keywords: Nouns in *-nte*; Compositionality; Usage-Based Functional Linguistics; Construction Grammar.

INTRODUÇÃO

Deverbais em *-nte* é o nome dado ao conjunto de substantivos e adjetivos do português brasileiro formado pelo acréscimo do sufixo *-nte* a uma base verbal. Assumimos que este padrão configura-se como uma construção nominalizadora expressa pelo esquema formal $[[X]_V -nte]_N$ - doravante *X-nte*. O sufixo *-nte*, única parte fixa dessa construção, representa um resquício do particípio presente latino, uma forma verbo-nominal que está ligada à origem desses nomes, que já demonstrava, em seus usos, certa fluidez categorial entre as duas classes de palavras citadas anteriormente (Cordeiro; Bispo, 2022). As amostras em (1) e (2) apresentam o uso desses nomes, em que o substantivo *contribuinte* e o adjetivo *apavorante* são derivados, respectivamente dos verbos *contribuir* e *apavorar*.

(1) Ao que consta, estes senhores são pagos pelo **contribuinte**. Portanto, devem explicações de seus atos, ou não? (CPHPB, Séc. XX)

(2) desde a escola primaria o espirito de interesse pelas cousas com que lida o espirito de invenção de cousas melhores, afim de enfrentar e evitar o crescimento **apavorante** da onda sombria do exodo rural mais devastadora das nossas culturas e rebanhos do que as seccas do Norte e as geadas do Sul Dias Martins (CPHPB, Séc. XX)

No entanto, embora a semântica dos construtos acima seja transparente em relação à semântica dos verbos que constituem suas bases, existem ocorrências em que os sentidos

instaurados por esses nomes não correspondem mais à simples junção das partes componentes do esquema, podendo revelar nuances semânticas que emergem nos seus variados contextos de uso, através de motivações cognitivas, discursivas e/ou pragmáticas.

Com base nos trabalhos de Cordeiro (2017; 2021), Bispo e Cordeiro (2020), Cordeiro, Bispo e Lucena (2021) e, ainda, conforme nossa pesquisa de Iniciação Científica³, defendemos que o padrão de formação de palavras instanciado pelo esquema (X-nte) estrutura-se como uma construção, ou seja, um pareamento convencionalizado entre algum elemento formal e algum sentido, alguma informação pragmática ou alguma estrutura informacional (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013). Outrossim, compreendemos que a relação estabelecida entre forma e função ocorre por intermédio de um elo simbólico convencionalizado no uso que, apesar de não ser totalmente arbitrário, também não é totalmente previsível pela soma dos elementos que formam a construção.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), as construções são caracterizadas por exibirem três propriedades, sendo elas: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Todas são consideradas gradientes. Assim sendo, as construções podem ser mais ou menos esquemáticas; mais ou menos produtivas; e mais ou menos composicionais, e é esta última propriedade que investigamos, ao analisarmos que propriedades formais e funcionais contribuem para uma maior ou menor composicionalidade dos nomes em *-nte*.

A composicionalidade de uma construção refere-se ao grau de transparência do elo simbólico entre o par - forma e função - que a compõe. Dessa maneira, quando existe certa previsibilidade entre o significado do todo e a soma das partes que o integra, estamos diante de um item lexical mais composicional. Em contrapartida, quanto mais opaco for o elo entre a forma e a função de uma construção, menos composicional ela será.

Nessa perspectiva, nosso objetivo geral é investigar a composicionalidade dos nomes deverbais em *-nte* a partir da correlação de propriedades formais e funcionais desses nomes nos contextos em que ocorrem. De modo mais específico, buscamos i) apontar propriedades formais e funcionais que podem influenciar a composicionalidade desses nomes, atuando como *parâmetros de composicionalidade*; ii) analisar como e com que frequência esses parâmetros favorecem (ou não) a composicionalidade dos deverbais em *-nte*; iii) avaliar em que medida nomes em *-nte* podem ser considerados mais ou menos composicionais, nos contextos de uso em que ocorrem, a depender da correlação entre os parâmetros apontados.

Partimos da hipótese de que substantivos podem ser mais composicionais em comparação a adjetivos, devido ao maior grau de transparência semântica em relação ao verbo do qual derivam, considerando que, em sua maioria, os substantivos deverbais expressam usos agentivos, ou seja, nomes que qualificam um referente com base na ação que ele realiza ou provoca, refletindo sobretudo o sentido do verbo-base. Outra razão para essa hipótese decorre do fato de que alguns adjetivos não têm sua base verbal reconhecida no Português Brasileiro. São casos de nomes em que a forma verbal existia apenas no particípio presente latino, não sendo possível recuperar o verbo que lhe serviu de base, como ocorre com *semelhante*, *inteligente*, *valente* e entre outros.

Ainda pressupomos que os adjetivos deverbais em *-nte* parecem ser mais suscetíveis a especializações de sentido advindas do contexto em que são empregados, o que favorece à menor composicionalidade. Isso pode acontecer por meio da negociação de sentidos entre os falantes durante a interação, principalmente, através de processos sociointeracionais, como a

³ Nessa pesquisa, analisamos o pareamento forma-função dos nomes deverbais em *-nte* em três diferentes séculos (XVIII, XIX e XX), observando se os vários sentidos dos nomes em *-nte* (circunstancial, agentivo, aspectual e avaliativo) estão correlacionados a aspectos formais como a herança da estrutura argumental da base verbal. Os resultados de nosso trabalho foram apresentados no XXVIII Seminário de Iniciação Científica da UFERSA em 2022, tendo recebido o prêmio de melhor trabalho na grande área de Linguística, Letras e Artes.

intersubjetividade⁴ ou inferência pragmática, e também por mecanismos cognitivos, como projeções conceptuais metafóricas e metonímicas.

O aporte teórico utilizado neste artigo é o da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), uma corrente de estudos linguísticos que tem origem no Funcionalismo norte-americano e congrega pressupostos da Linguística Cognitiva. De acordo com essa vertente, a língua é vista como uma estrutura maleável, um sistema adaptativo complexo, sensível às pressões impostas pelo uso. Neste sentido, conforme ressalta Furtado da Cunha e Bispo (2013), as estruturas linguísticas são relativamente instáveis, o que implica que a interdependência entre forma e função deve ser investigada no texto produzido em situações reais de comunicação. Também nos apoiamos no olhar teórico da Gramática de Construções, especialmente nos termos de Goldberg (1995, 2006), Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013), para os quais a língua é vista como uma complexa rede de construções, que estão inter-relacionadas e se organizam hierarquicamente.

Desta forma, nosso trabalho representa uma peça em um amplo lastro de pesquisas que descrevem e analisam construções morfológicas do PB, contribuindo para um melhor entendimento da língua em uso e de seus fenômenos, e auxilia na compreensão de como propriedades formais são motivadas (ou não) por propriedades funcionais, ao privilegiar uma abordagem construcional da gramática.

No que concerne à metodologia, o trabalho caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, mas com suporte quantitativo ao observar a frequência de uso dos nomes, sendo, ainda, descritivo-explicativa em relação aos objetivos propostos. Analisamos 367 ocorrências do português escrito durante o século XX extraídos do *corpus* para a História do Português Brasileiro (CPHPB).⁵

O artigo encontra-se organizado em cinco seções. Esta introdutória, na qual apresentamos o objeto de estudo, questões de pesquisa e objetivos, assim como aspectos teóricos e metodológicos do estudo. Uma seção teórica dedicada à LFCU e aos conceitos da Gramática de Construções. Nas duas seções seguintes, explicitamos a metodologia usada, as análises e discussões dos dados investigados. Fechamos o artigo com a seção de considerações finais.

1 LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO (LFCU)

O embasamento teórico que alicerça nossa pesquisa é a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), uma abordagem funcionalista de estudos da linguagem, cujos pressupostos teórico-metodológicos resultam da aproximação entre funcionalismo norte-americano e Linguística Cognitiva. Tais perspectivas compartilham a visão de que os padrões linguísticos são modelos que se convencionalizam no uso por meio da tríade “linguagem, cognição e ambiente sócio-histórico” (Furtado da Cunha; Bispo, 2013). Dito de outro modo, observa-se que a relação mútua estabelecida por esses três elementos impulsiona a emergência ou fixação de estruturas gramaticais, através da recorrência de seus usos em ambientes sociodiscursivos específicos.

Partindo desse viés, a LFCU considera que existe uma estreita relação entre a codificação linguística e o uso da língua pelos falantes, visto que as estruturas linguísticas são modeladas pelas funções que assumem em determinados contextos discursivos. Em outras palavras, é a situação comunicativa que motiva a estrutural gramatical, por isso justifica-se o

⁴ Traugott e Dasher (2005) definem de intersubjetividade como uma relação interpessoal estabelecida entre um falante e seu interlocutor, enfatizando o cuidado dado à visão que o interlocutor pode criar sobre o mesmo evento de fala.

⁵ Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/home/plataforma-de-corpora-phpb?authuser=0>

estudo da língua efetivamente em uso, ao considerarmos que aspectos internos ao sistema linguístico são fortemente influenciados por aspectos externos. Assim, é relevante para a LFCU uma análise que contemple, para além da estrutura linguística, fatores extralinguísticos, tais quais: os participantes do ato comunicativo, seus papéis sociais, o ambiente sociointeracional, bem como os propósitos comunicativos postos em jogo no momento da interação. Na esteira de processos que atuam na interação, podemos mencionar a intersubjetividade e as inferências pragmáticas.

Deste modo, passamos a entender que as estruturas linguísticas não são autônomas, mas motivadas, já que, durante a interação, os falantes negociam sentidos entre si, estruturando seus enunciados de modo a atender seus propósitos. Além disso, reforça-se a atuação de aspectos sociais, culturais e cognitivos, importantes mecanismos que também agem na codificação linguística. Logo, para a LFCU, a língua é tratada como uma estrutura flexível, dinâmica e suscetível às pressões do uso, composta por alguns padrões aparentemente recorrentes e por outros que surgem advindos das necessidades comunicativas e/ou cognitivas de seus usuários (Bybee, 2010). Nesse cenário, a língua(gem) é uma atividade social, cuja principal função é possibilitar aos falantes a concretização de seus objetivos em situações reais de comunicação.

Ainda em relação aos pressupostos teóricos e metodológicos que norteiam a pesquisa desenvolvida na LFCU, Bispo e Lopes (2022) elencam alguns postulados:

(i) o entendimento de que as habilidades linguísticas podem ser tomadas e apreendidas do mesmo modo que outras capacidades cognitivas; (ii) a compreensão de que a linguagem constitui um amplo e multifacetado conjunto de atividades cognitivas e sociocomunicativas, associadas a outras atividades humanas; (iii) a rejeição à ideia de autonomia e centralidade da sintaxe; (iv) a noção de que léxico e gramática situam-se nos polos de um continuum, não havendo, assim, fronteiras rígidas entre eles; (v) a adoção de fatores semântico-cognitivos e/ou discursivo-pragmáticos nas análises linguísticas; (vi) a noção de que a língua é uma estrutura plástica, maleável, um sistema adaptativo complexo e consiste de uma rede de construções inter-relacionadas e organizadas hierarquicamente; (vii) a consideração da maleabilidade do sistema linguístico, que comporta gradiência e gradualidade, associadas, respectivamente, à variação e à mudança, a que as línguas naturais estão sujeitas. (BISPO; LOPES, 2022 p.1-2)

A partir deste paradigma teórico e de acordo com Tomasello (1998, p. ix), compreendemos a língua(gem) como um “complexo mosaico de atividades comunicativas, cognitivas e sociais”. Dessa maneira a linguagem passa a ser entendida como multifacetada, sendo constituída de um conjunto de atividades cognitivas, socioculturais e discursivo-pragmáticas que influenciam a estrutura linguística.

Nessa direção, a gramática pode ser considerada um construto “emergente” Hopper (1987), isto é, um sistema aberto, heterogêneo e adaptativo, sujeito às demandas impostas pelo uso e por ele modificada. Assim, defendemos que os padrões linguísticos não são dados como completamente estáveis e fixos, mas emergem em decorrência da rotinização e frequência de seus usos em ambientes específicos. Assim, em concordância com Bybee (2016, p. 28), assumimos que a gramática deve ser vista “como uma organização cognitiva de experiências com a língua”.

Destaca-se, ainda, com base em Bybee (1985, 2010), a existência de uma correlação motivada entre forma e função, ao atentar-se para o impacto que as funções externas causam na organização interna do sistema linguístico e sucessivamente em sua codificação. Assim, mesmo que a construção seja considerada um par relativamente arbitrário, ela pode espelhar em menor ou maior grau o significado associado ao seu conteúdo.

Como mencionado no início desta sessão, a LFCU partilha alguns conceitos e categorias com a Linguística Cognitiva, dentre elas, a ideia de que o comportamento linguístico reflete a percepção que temos sobre o mundo, nossas experiências e conhecimentos adquiridos

via interação. Dito de outra maneira, o modo como pensamos, interagimos ou conceitualizamos o mundo que nos cerca pode ser organizado através de construtos cognitivos. Logo, torna-se relevante a incorporação de processos cognitivos de domínio geral na investigação dos usos da língua, já que a operação desses processos pode promover outros sentidos para estruturas linguísticas já conhecidas. Dentre esses processos, podemos citar os mapeamentos conceituais, sejam eles entre domínios cognitivos distintos - o que caracteriza as projeções metafóricas - seja entre entidades de um mesmo domínio - o que caracteriza as projeções metonímicas.

Dedicamos a seção seguinte ao modelo teórico da Gramática de Construções, que tem sido amplamente utilizado nos estudos funcionalistas centrados no uso e que fornece também embasamento teórico para nossas análises.

2 GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES (GC)

A Gramática de Construções, doravante (GC), é um modelo teórico tomado da Linguística Cognitiva (Goldberg, 1995; Bybee, 2016; Croft, 2001; Traugott; Trousdale, 2013; Tomasello, 1998) cujos estudos têm contribuído de maneira significativa para descrição e análise de fenômenos linguísticos. Essa abordagem se fundamenta no conceito de construção, vista como a unidade básica da gramática, conforme postula Goldberg (1995, 2006). Para a autora, as construções se definem como pareamentos convencionalizados de forma e função, arranjados em variados níveis de complexidade e de abstração. Com base nisso, partimos do pressuposto de que a gramática de uma língua, na verdade, se configura como um amplo repertório de construções, que está organizado de modo hierárquico e cujas unidades estão dispostas em diferentes níveis de tamanho, complexidade e generalização.

Ao defendermos a visão de que a gramática, assim como todo nosso conhecimento linguístico, está armazenada em um vasto inventário de construções, destacamos, por meio de Goldberg (2006), que tais construções se organizam em formato de rede, possuindo nós e elos que interconectam seus elementos hierarquicamente. Logo, cada construção pode ser identificada como um nó, isto é, uma associação entre forma e significado (ou função), enquanto os elos são as inter-relações que se estabelecem entre as construções. Por existir uma dinamicidade entre os usos linguísticos, essa rede está em constante mudança, possibilitando que novos nós e elos sejam incorporados à rede construcional.

Na Gramática de Construções, defende-se a existência de um *continuum* entre o léxico e a gramática. Assim, essas categorias não são rigidamente opostas, de modo que as construções da língua podem transitar de um polo a outro. Ou seja, itens lexicais podem assumir funções gramaticais, assim como itens mais gramaticais podem, a partir do uso, desenvolver funções mais lexicais na língua.

Como vimos antes, a construção é composta por um pareamento convencionalizado de dois polos: o da forma e o da função. De acordo com o modelo proposto por Croft (2001), o polo da forma contém as propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas, já o da função é composto por propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Por esse motivo, para um melhor entendimento e descrição construcional da língua em uso, o pesquisador deve voltar-se para os dois tipos de propriedades correlatas e não as analisar separadamente.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), as construções de uma língua podem ser descritas e diferenciadas levando-se em conta três propriedades: *a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade*.

A respeito do conceito de esquematicidade, ele é assentado na visão de que as construções podem ser representadas através de esquemas, generalizações criadas pelos usuários da língua sobre padrões recorrentemente mobilizados em situações comunicativas. Para Traugott e Trousdale (2013), os esquemas linguísticos são definidos como abstrações de

um conjunto de construções que estão inter-relacionadas dentro da rede construcional. Alguns desses esquemas podem apresentar *slots* (espaços vazios), os quais são preenchidos por unidades lexicais ou ainda por outras construções.

Desta forma, a esquematicidade está ligada ao grau de generalizações e/ou (in)especificidades provenientes dessas construções, sendo demonstrada por meio de algumas que são mais esquemáticas e abstratas, possuindo vários *slots*, outras intermediárias e ainda aquelas que podem ser menos esquemáticas e mais específicas em relação às categorias capazes de preencher seus espaços. Logo, esses esquemas estão estruturados e se relacionam de forma hierárquica, em que uma construção de nível superior é composta por outras de nível inferior, (*subesquemas* e *microconstruções*). Dito de modo mais preciso, uma construção pertencente a um esquema de nível mais básico, faz parte de outra inserida em um plano mais elevado, que por sua vez é parte integrante de outra de maior extensão, e assim sucessivamente.

Com relação à produtividade, Bybee (2016, p. 145) enfatiza que ela é vista como “a probabilidade de que uma construção se aplicara a um novo item”. Assim, essa propriedade permite observar o quão produtivo o esquema de uma construção pode ser, possibilitando que ela se expanda e se relacione com outros itens (construções), assumindo novas funções.

Cordeiro (2021) destaca que uma construção é tida como produtiva quando seu esquema passa a licenciar, de modo crescente, outras construções menos esquemáticas, ocasionando uma maior produção de instâncias dessa construção. Assim sendo, construções produtivas dizem respeito àquelas que têm os seus esquemas mais abertos para receberem em seus *slots* os mais variados itens e/ou categorias, possibilitando a formação de outras palavras. Himmelman (2004) denomina o crescente recrutamento de novos itens para os *slots* da construção de expansão da classe hospedeira. Conforme Bybee (2016), a produtividade pode ser mensurada por meio da frequência *type*, ou seja, pelo número de tipos distintos que um mesmo esquema pode licenciar.

Consequentemente, da mesma forma que ocorre com a esquematicidade, a produtividade também apresenta gradiência, uma vez que existem construções que são mais abertas para recrutar outros itens (lexicais/gramaticais) para formação do seu esquema, culminando em uma maior produtividade, ao passo que também existem algumas com níveis intermediários, aquelas que, embora licenciem novas construções, o fazem de modo limitado. Por fim, há esquemas que exibem baixo nível de produtividade por possuírem uma maior restrição e especificidade sobre quais itens ou categorias são aptas para preencher seus espaços vazios.

A última propriedade que também se relaciona ao conceito de construção é a da composicionalidade. Essa propriedade corresponde ao nível de transparência ou opacidade entre as somas das partes que formam esse elo, isto é, a estrutura (forma) e o significado (função). Quando o significado de uma construção é transparente, ao ponto de ser totalmente previsível pela união de seus constituintes, temos um esquema que exhibe alto grau de composicionalidade. Por outro lado, existem construções em que o significado total não corresponde mais à simples junção de suas partes, melhor dizendo, casos em que o sentido dessas partes passa a não contribuir de forma tão direta para com o sentido do todo, o que torna o elo entre ambos mais opaco, o que leva a construção ser tida como menos composicional.

Como exposto na categoria de esquematicidade e produtividade, na composicionalidade as construções também apresentam níveis de variação, podendo ser mais ou menos composicionais e dispor de níveis intermediários entre os dois polos. Essa propriedade é ainda mais bem explorada no decorrer do trabalho, pois foi a categoria escolhida para servir de base às nossas análises. Partindo do pressuposto de que a composicionalidade é também uma categoria gradiente, tratamos da existência de, pelo menos, quatro parâmetros que servem para verificar a composicionalidade da construção (*X-nte*), em termos de propriedades formais e funcionais.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentamos a caracterização da pesquisa quanto à metodologia adotada, ao tipo de pesquisa, assim como a formação do *corpus*, o universo de dados considerados e os procedimentos de análises.

Como uma pesquisa de orientação funcionalista, a presente investigação orienta-se pelo raciocínio de natureza indutiva (Minayo, 2001), em que partimos da observação do que é mais particular para o mais geral. Isso significa que devemos observar usos específicos da língua, e, nesse caso, do fenômeno em análise para então chegarmos a conclusões mais gerais.

Neste seguimento, apoiamo-nos em uma abordagem qualitativa, que, segundo Minayo (2001, p. 22), “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas” [...]. Dessa forma, nosso estudo ocupa-se da análise e da interpretação de propriedades formais e funcionais do objeto em estudo, nas suas instâncias de uso na sociedade. Logo, privilegiamos um olhar que busca o detalhamento de algumas dessas propriedades percebidas apenas no nível do contexto discursivo, isto é, do funcionamento da língua(gem) enquanto atividade social e puramente dinâmica, o que é corroborado pelas palavras de Chizzotti (1995), pois uma abordagem de natureza qualitativa permite fazer uma leitura da realidade, considerando a relação existente entre o sujeito, o mundo real e seu objeto.

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. (Chizzotti, 1995, p.79)

Além disso, nossa pesquisa também possui um suporte quantitativo, relacionado à frequência de uso e à produtividade da construção, assim como à frequência de incidência dos parâmetros de composicionalidade sobre as instâncias de uso da construção. Referente aos objetivos que delineamos, definimos a pesquisa como descritivo-explicativa, pois não nos dedicamos somente à descrição de um dado fenômeno linguístico, mas também à identificação dos fatores e mecanismos que contribuem para sua ocorrência, a fim de explicar “a razão, o porquê das coisas”. (Gil, 2002, p. 42). Concernente a isso, buscamos explicar as motivações que estão envolvidas na recorrência de uso desses nomes, especificamente, as que concorrem diretamente com sua composicionalidade.

Enfatizamos, ainda, o caráter empírico presente em nosso estudo, ao priorizarmos instâncias concretas da língua em uso, originadas na interação entre falantes e representadas por meio de amostras inscritas em certo período de tempo, o que também ressalta a natureza amostral da pesquisa. Ademais, ainda recorremos a um amplo escopo teórico de textos produzidos na área, que fundamentam nossas análises.

Para investigação, utilizamos um banco de dados do *Corpus* para a História do Português Brasileiro (PHPB). As amostras desse *corpus* foram compiladas por Cordeiro (2021), e são compostas por uma variedade de textos, tais como: cartas, anúncios de jornais, documentos oficiais, e entre outros manuscritos produzidos entre a primeira e a segunda metade do século XX. Assim, nosso universo de dados compreendeu 367 ocorrências dos nomes deverbais em *-nte*, das quais 148 eram substantivos e 219 eram adjetivos.

Após a quantificação dos dados, houve a tabulação em uma planilha, em que os construtos foram separados por ordem alfabética, as ocorrências classificadas de acordo com a frequência de *tokens* (cada instância de nome deverbal em *-nte*) e frequência *types* (cada tipo diferente de nome em *-nte*: *estudante*, *diferente*, *abundante* etc). A tabela 1, a seguir, resume esses dados quantitativamente:

Tabela 1: Frequências *token* e *type* de nomes em *-nte* por categorial gramatical no *corpus*

	Frequência <i>Token</i>	(%)	Frequência <i>Type</i>	(%)
Substantivos	148	40,33	48	35,82
Adjetivos	219	59,67	86	64,18
TOTAL	367	100	134	100

Fonte: autoria própria.

Conforme mostra a tabela, parece haver uma preferência no uso de nomes em *-nte* como adjetivos, evidenciada pela frequência *token*, que chega a 60% das ocorrências, em comparação com os substantivos, apenas 40%.

Isso pode indicar que os adjetivos são mais produtivos do que os substantivos, possivelmente devido à proximidade entre a categoria de particípio e de adjetivo, ambas ocupando uma posição intermediária no *continuum* entre as categorias lexicais de nome e adjetivo (Cordeiro, 2021). Quanto à frequência *type*, os dados também exibem uma alta produtividade de adjetivos em relação aos substantivos. Os construtos adjetivos representam um pouco mais de 64% dos *types* encontrados no *corpus*, enquanto os substantivos, um pouco menos de 36%. Os números demonstram que a frequência de usos de itens formados por essa construção pode contribuir para o aumento da frequência *type*, ou seja, a recorrência de usos desses nomes pode impulsionar a emergência de novos tipos.

Isso posto, para realização das análises, baseamo-nos em alguns parâmetros propostos por Cordeiro (2021) em sua tese de doutorado. Neste trabalho, o autor defende a existência de quatro fatores capazes de influenciar na composicionalidade dos nomes em *-nte*, sendo eles: i) a analisabilidade, que diz respeito à capacidade analítica que o falante tem de reconhecer as partes constitutivas das palavras e sua organização interna (Bybee, 2016); ii) a herança (ou não) da moldura sintático-semântica do verbo-base; iii) a correspondência de sentido entre a base verbal e o sentido da palavra derivada no uso; e iv) a especialização do sentido de um dado item em um determinado contexto. Neste sentido, tomamos como categorias de análise a investigação dos referidos fatores que, por contemplarem algumas propriedades significativas dessa construção, podem permitir-nos descrever em que medida uma instância de uso da construção é tida como mais ou menos composicional em relação aos contextos de uso em que é usada.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como exposto anteriormente, analisaremos nesta seção o grau de composicionalidade dos nomes em *-nte*. Inicialmente tratamos a composicionalidade como uma noção gradiente e escalar, ou seja, consideramos que as instâncias de uso dessa construção situam-se em um *continuum* entre usos mais e menos composicionais.

Nessa direção, analisamos de que maneira determinados fatores formais e funcionais podem determinar a composicionalidade desses nomes, os quais foram representados por quatro parâmetros: os dois primeiros relacionados às propriedades formais e os dois últimos às propriedades funcionais. Esses parâmetros nos auxiliam na identificação do grau de composicionalidade, isto é, em que medida, em suas instâncias de uso, a construção nominalizadora *X-nte* apresenta um grau maior, menor ou, ainda, intermediário de composicionalidade, conforme a inter-relação desses parâmetros no uso.

A analisabilidade é o primeiro desses parâmetros, a qual é definida, segundo Langacker (1987 *apud* Bybee, 2016, p. 80), como “o reconhecimento da contribuição que cada

componente dá à conceitualização composta”. Assim sendo, entende-se que a analisabilidade se refere ao reconhecimento que os usuários da língua fazem sobre as partes componentes das palavras, sua estrutura morfossintática, bem como a contribuição que cada parte oferece para com o significado do todo.

Ainda que conceitos como composicionalidade e analisabilidade estejam relacionados, ambos se diferem, pois enquanto a primeira examina até que ponto o significado do todo é previsível pela combinação de suas partes, a segunda trata do reconhecimento dessas partes componentes pelo falante. Em relação à construção em estudo, ser analisável ou não está relacionado à capacidade do falante de identificar as partes que a compõem (uma base verbal e o sufixo *-nte*). Logo, quanto mais uma estrutura for analisável, isto é, quanto mais o falante puder reconhecer suas partes constituintes, mais composicional ela tende a ser. Vejamos algumas ocorrências adiante:

(3) UFRJ É **impressionante** o descaso a que somos submetidos, nós, alunos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (CPHPB, Séc. XX)

(4) Todos os problemas da educação nacional encontram no magistério o seu “bode expiatório” principal: os mestres não têm preparo suficiente, são **displicentes**, não evoluem, não se interessam pelos alunos e seus problemas, não querem trabalhar mais do que o necessário, não são didatas e coisas assim. (CPHPB, Séc. XX)

As ocorrências (3) e (4) demonstram, respectivamente, o uso dos adjetivos *impressionante* e *displicentes*. Todavia, é evidente que o falante terá mais facilidade em identificar o verbo que serve de base para *impressionante*, em (3), se comparado com *displicentes* em (4), cuja base verbal não é tão prontamente reconhecível. É importante destacar que alguns construtos contêm lexemas verbais que não possuem equivalentes no português contemporâneo, o que contribui para um item ser menos analisável, já que ele só pode ser compreendido em sua totalidade. Com base nisso, argumentamos que o uso de *impressionante* é mais composicional, em termos de analisabilidade, do que *displicentes*, na ocorrência anterior, uma vez que o primeiro é mais analisável do que o segundo.

O segundo parâmetro que pode influenciar a composicionalidade é a herança, através do construto, da moldura sintático-semântica do verbo-base. Esse aspecto é relevante pois demonstra como o nome em uso pode ser transparente em relação a uma de suas partes componentes (a base verbal), preservando suas propriedades sintático-semânticas. Em nosso *corpus* de análise, identificamos verbos transitivos e intransitivos ocupando o *slot* verbal da construção. Neste caso, passamos a considerar que, quando um substantivo ou adjetivo é originado de uma base verbal transitiva, porém não preserva a estrutura argumental do respectivo verbo em seu uso, há perda de composicionalidade. As ocorrências, a seguir, exemplificam esses casos:

(5) Não se sabia qual era a política científica e tecnológica do país, nem muito menos dava-se ouvido a vozes **discordantes** das decisões dos poderosos do momento (). (CPHPB, Séc. XX)

(6) Quando se chama o **gerente** para providenciar o empacotamento, ele só falta dizer que quem deve empacotar é o consumidor. (...) O problema só existe nos bairros onde a “plebe” se concentra. Na área da grã-finagem não existe essa pouca vergonha. (CPHPB, Séc. XX)

Podemos observar, nos dados acima, a atuação de nomes formados por bases verbais transitivas, que demandam complemento. Em (5) e (6), temos o uso de *discordantes* e *gerente*, instanciados respectivamente pelas bases verbais *discordar* e *gerir*. Na primeira ocorrência, notamos que, no uso do adjetivo *discordantes*, a transitividade do verbo discordar é obedecida, ou seja, o falante emprega a estrutura sintático-semântica advinda do verbo-base, declarando que as vozes são *discordantes das decisões dos poderosos do momento*, em que “*das decisões dos poderosos do momento*”, complemento nominal do adjetivo *discordantes*, corresponderia ao objeto do verbo *discordar* em um sintagma verbal equivalente. O mesmo não acontece em (6), em que o complemento de “gerir” não é refletido pelo substantivo (*gerente*) no contexto em que é usado - ou seja, o falante não expressa o que é gerido. Assim, consideramos que o uso de *discordantes* em (5), é mais composicional do que o uso de *gerente* em (6), devido à correspondência que ainda existe entre a moldura sintático-semântica do adjetivo e da base-verbal, evidenciada a partir da presença do complemento nominal.

Como terceiro parâmetro de composicionalidade, destacamos a correspondência semântica entre a base verbal e o nome derivado em seus contextos de uso. Esse parâmetro é importante, pois, em algumas ocorrências, o sentido do substantivo e do adjetivo se desvia da semântica verbal, ocasionando em opacidade do pareamento entre forma e função. Nesses casos, processos sociointeracionais, a exemplo da (inter)subjetividade, e projeções conceptuais, especialmente metafóricas, podem promover extensões semânticas para os construtos em uso. Sob essa perspectiva, entendemos que usos em que o significado do substantivo ou do adjetivo se afasta totalmente da semântica do verbo base são menos composicionais do que aqueles em que essa correspondência ainda existe. Vejamos as ocorrências abaixo:

(7) Traficantes apontam policiais da Divisão de Repressão e **Entorpecentes** como associados a Parazão. (CPHPB, Séc. XX)

(8) Mas o raciocínio vae um pouco mais longe e entende que todos os meios são legítimos O primeiro desses recursos, o mais facil, o que depende de um decreto e de algumas voltas das machinas de impressão, e o de emitir papel moeda. Faz-se então a defesa **ardente** das emissões. (CPHPB, Séc. XX)

Os exemplos apresentados em (7) e (8) ilustram graus diferentes de composicionalidade quanto ao uso do substantivo *entorpecentes* e do adjetivo *ardente*. Na ocorrência em (7), observamos um uso mais composicional da construção, pois o sentido de *entorpecentes* é compatível com a semântica do seu verbo-base, *entorpecer*. Esse sentido também é reforçado pelo contexto que faz referência a uma unidade responsável pela investigação e apreensão de substâncias (drogas) que causam entorpecimento. Em contraste, em (8), o uso de *ardente* é metafórico e menos composicional. Neste contexto, o sentido do adjetivo não está relacionado à ação concreta de “arder”, “queimar”, mas é utilizado para expressar *entusiasmo*, conceito que é mais abstrato. Destacamos que esse sentido abstrato é reforçado pelo fato de o adjetivo em *-nte* funcionar como modificador do nome “defesa”, nome também abstrato.

Como quarto e último parâmetro, apontamos a especialização de sentido de alguns itens lexicais em determinados contextos. Percebemos que, em determinadas situações, a semântica do nome se expande para assumir outros sentidos. Assumimos, que esses novos sentidos se estabelecem mediante a influência de processos como a intersubjetividade e inferenciação pragmática. Com o tempo, esses sentidos se tornam tão frequentes que podem ser incorporados à semântica dos nomes por meio de negociação intersubjetiva. Esse fato pode fazer com que um item seja menos composicional em comparação a outro, no qual a relação semântica entre o construto e a base verbal é mantida.

(9) É uma faculdade dinâmica, **competente** e séria, que luta por conservar seu excelente padrão de qualidade, apesar das sistemáticas campanhas contra o ensino universitário público, como demonstra o “Duplo espanto”. (...) (CPHPB, Séc. XX)

(10) Hoje os meus **imprudentes** partidarios evocam a sombra de Romariz: eu era governo quando elle foi assassinado. Já muito antes, no Imperio, eu achara bellos phraseados para justificar aquella atrocidade, o assassinato de Apulchro de Castro. (CPHPB, Séc. XX)

(11) Onde estão normalmente esses funcionários? Em serviços burocráticos, ou em folgas inaceitáveis? É preciso fazer esse enorme **contingente** produzir melhor. (CPHPB, Séc. XX)

Nas ocorrências de (9) a (11), escolhemos alguns casos em que itens lexicais apresentam sentidos especializados pela recorrência de seus usos em contextos específicos. Em (9) e (10), temos o uso dos adjetivos *competente* e *imprudentes*, exemplificando como um nome pode gerar avaliações positivas ou negativas por meio da negociação intersubjetiva entre o falante e seu interlocutor. No contexto da primeira ocorrência em (9), o uso de *competente* expressa contornos avaliativos, uma vez que a faculdade é descrita como uma instituição de alta qualidade. Assim, junto a adjetivos como “*dinâmica*” e “*séria*”, *competente* deixa de se referir apenas à responsabilidade, sentido ligado à base verbal *competir*, e passa a funcionar como uma qualificação que sublinha a excelência da instituição. O adjetivo *imprudentes*, também, adquire um sentido bastante específico, sendo utilizado em (10) para indicar uma avaliação negativa do referente. Finalmente, o uso de *contingente* em (11) tem origem no latim “*contingere*”, cujo significado era “tocar”, “atingir” ou “caber em”. Contudo, quando empregado como substantivo, no português, o nome assume um sentido já um pouco diferente daquele de sua origem verbal. Em nossa visão, este nome é especializado semanticamente já que é empregado para expressar uma determinação quantitativa, como enfatiza o contexto da ocorrência, ao referir-se aos funcionários, como, *enorme contingente*, isto é, um grande número de funcionários.

Portanto, em casos como os expostos, em que o sentido dos substantivos e adjetivos se instaura de forma pragmática e, em seguida, se consolida semanticamente, passamos a considerar como menos composicionais em relação àqueles que não apresentam sentidos muito marcados intersubjetivamente.

Após concluir as análises dos nomes, apresentamos a seguir a tabela 2 que traz uma síntese que ilustra, de forma quantitativa, a recorrência dos parâmetros de composicionalidade examinados no artigo.

Tabela 2: Recorrência dos parâmetros de composicionalidade sobre substantivos e adjetivos

		P1	P2	P3	P4
	+ Comp.	121	45	133	125
Substantivos	- Comp.	27	103	15	23
	+ Comp.	114	89	192	179
Adjetivos	- Comp.	105	130	27	40

Fonte: autoria própria.

Os números apresentados na tabela 2 acima revelam a recorrência dos parâmetros analisados em relação às categorias de substantivos e adjetivos. No que se refere ao primeiro parâmetro (analisabilidade), notamos que os substantivos demonstraram ser mais composicionais que os adjetivos, já que quase metade destes últimos, exibiram menor composicionalidade quanto ao parâmetro em questão. Essa propriedade composicional dos adjetivos pode ocorrer devido ao fato de que alguns construtos adjetivais não apresentam bases verbais reconhecidas no português contemporâneo, ou seja, são nomes derivados do particípio presente latino, logo originados de uma categoria verbal com propriedades de verbo e de nome adjetivo. No entanto, com o tempo acabaram se consolidando no uso como adjetivos, perdendo as propriedades do verbo original do qual são derivados.

Quanto ao segundo parâmetro, que trata da herança ou não da valência verbal pela construção, verificamos que os substantivos e adjetivos apresentaram resultados parecidos. Em ambos os casos, observamos que a maioria dos nomes em *-nte* tende a não preservar a herança da moldura sintático-semântica dos seus verbos-base, o que, em alguns contextos, é ocasionado por motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas. Notamos que a ausência do argumento interno requerido pelo verbo, como complemento nominal, não implica uma perda total da valência desses nomes, visto que, em diferentes contextos, o complemento de um construto pode ser realizado ou omitido, dependendo dos propósitos comunicativos do falante no momento da interação ou, ainda, do nível de informatividade do termo complemento dentro do contexto. Além disso, entendemos que, na transição de uma categoria gramatical para outra, neste caso a de verbo para nome, certos ajustes formais são necessários. Isso pode resultar na não preservação total da moldura sintático-semântica da base-verbal, em alguns contextos de uso, conforme destaca Camacho (2011).

Por fim, concernente ao terceiro e quarto parâmetro, ficou notório que, no primeiro, a maioria dos nomes ainda mantém uma correlação semântica com os seus verbos de origem. Contudo, em algumas ocorrências, identificamos uma influência substancial de projeções conceptuais metafóricas e metonímicas na extensão semântica dessa construção, o que é posteriormente discutido e exemplificado. Referente à especialização semântica originada da negociação intersubjetiva ou de inferenciação pragmática, constatamos que ela se mostrou mais frequente na categoria dos adjetivos, que dos substantivos, o que corrobora nossa hipótese de que os adjetivos são mais propensos à especialização de sentido. Todavia, de modo geral, esse parâmetro ainda apresentou um número relativamente baixo em comparação aos casos em que essa especialização não ocorreu.

Como citado previamente, a influência de alguns mecanismos cognitivos, particularmente as projeções conceptuais, pode promover o surgimento de novos sentidos para os substantivos e adjetivos em *-nte*, em seus contextos de uso. Nas ocorrências de (12) a (15) a seguir, apresentamos alguns dados para análise:

(12) De um nosso leitor, o senhor Sady Ferreira Pires, recebemos as seguintes sensatas considerações a proposito dos comentarios que ha dias fizemos sobre este **palpitante** assunto: (CPHPB, Séc. XX)

(13) Quanto a **eletrizante** aventura de caçada de um urso contada pelo sr. João Borges, os incautos certamente devem ter ficado arrepiados com a ousadia desse Jim das selvas tupiniquim. (CPHPB, Séc. XX)

(14) Quantos PMs foram feridos? “Os **assaltantes** são violentos”, diz o Secretário, “saem atirando. A polícia tem de reagir, tem de tomar providências. (CPHPB, Séc. XX)

(15) Primeiro, a de que os esclarecimentos técnicos prestados na época por alguns **fabricantes** não convenciam, pois não falavam do controle de qualidade e das técnicas de esterilização do produto terminado, condições para esse tipo de material. (CPHPB, Séc. XX)

Como destacado nas ocorrências mencionadas em nosso *corpus* de análise, encontramos usos em que o sentido dos nomes se distancia da semântica de seus verbos de origem para expressarem ideias mais abstratas. Os exemplos em (12) e (13) revelam esses casos, em que os adjetivos *palpitante* e *eletrizante* deixam de se referir às ações concretas denotadas por seus verbos-base e passam a serem usados metaforicamente dentro dos seus contextos de uso. Na primeira ocorrência, podemos notar que o uso de *palpitante* é resultado de uma projeção metafórica, já que o foco não está na realização da ação de palpitar, mas sim na caracterização do “assunto” como algo que desperta *interesse* ou causa *empolgação*. Essas noções, embora abstratas, são compreendidas por meio de um conceito concreto e físico, que é a ação de palitação. Um caso semelhante pode ser observado em *eletrizante*, uma vez que o efeito de aplicar uma corrente elétrica sobre algo é usado para transmitir ideias como *euforia*, *excitação*, ou até mesmo “*sensação de adrenalina*” gerada em determinadas situações, como, por exemplo, na descrição da ocorrência em análise, que relata a *aventura de caçada de um urso*.

Em relação às projeções metonímicas, também selecionamos algumas amostras que demonstram como entidades de um mesmo domínio cognitivo podem ser utilizadas para acessar outras dentro desse mesmo domínio. Isso é evidente nos casos dos substantivos em *-nte*, em sua maioria agentivos, em que a metonímia “o todo pela parte” desempenha um papel crucial na atribuição de sentido a esses nomes. As ocorrências expostas em (14) e (15) ilustram o uso de *assaltantes* e *fabricantes*, que apesar de terem sentidos distintos em relação à ação que suas bases verbais denotam, o agente da ação verbal, ou seja, o *assaltante* é quem realiza o ato de assaltar, e o *fabricante* é quem realiza o ato de fabricar.

Nos exemplos apresentados, observamos que o foco não está no evento descrito pelo verbo, mas na percepção de que essa ação é vista como secundária em comparação a outras predicções. Nessas situações, ocorre um mapeamento metonímico, pois essas palavras evocam o contexto completo de uma ação, associada à base verbal, ao referir-se a uma de suas partes, especificamente o agente. Assim, entendemos que o falante busca destacar o que é relevante para seus objetivos dentro do contexto comunicativo. Nessas ocorrências a ênfase não recai na ação em si, mas sobre o agente que a executa.

Diante dos casos exibidos, percebemos que as projeções conceptuais possibilitam a emergência de novos sentidos para os nomes em *-nte*, seja por meio do mapeamento entre diferentes domínios cognitivos ou dentro de mesmo domínio conceitual.

Após concluída a discussão sobre a influência das projeções metafóricas e metonímicas na semântica da construção em destaque, direcionamos nossa atenção para o que chamamos de *continuum* de composicionalidade. Essa ideia baseia-se na noção de que a composicionalidade não é um aspecto categórico, discreto, mas que é resultante tanto da atuação dos parâmetros anteriormente discutidos, quanto da influência do contexto em que a construção é utilizada.

Assim sendo, de acordo com os mesmos quatro parâmetros, exibiremos a seguir como as ocorrências de adjetivos e substantivos em *-nte* podem apresentar diferentes graus de composicionalidade.

(16) Alegam os **simpatizantes** do projeto que o atual subsidio não foi fixado pelo Congresso e a Constituição declara que o deve ser por ele. (CPHPB, Séc. XX)

(17) Diz ainda a Diretora da Escola Ana Néri que a carreira não começa como **servente**, mas que se um **servente** quiser estudar, usando de um direito que existe numa

democracia, terá que obter legalmente o grau correspondente aos estudos feitos. (CPHPB, Séc. XX)

Em (16) e (17), os substantivos *simpatizantes* e *servente* revelam maior grau de composicionalidade. Na primeira ocorrência, *simpatizantes* é considerado um substantivo analisável, pois é possível identificar uma base verbal à qual foi adicionado o sufixo *-nte*; nota-se, também, que o nome carrega a herança da moldura sintático-semântica do verbo *simpatizar* em seu sentido literal, trazendo em seu contexto o argumento interno, ou seja, aquele a quem a afeição e simpatia são dirigidas: neste caso, *o projeto*. Em relação a correspondência de sentido, observa-se que a semântica do substantivo também reflete o sentido da base verbal; assim, não podemos considerar que, nesse contexto, o sentido do nome seja especializado, já que ele não é negociado pragmaticamente, mas advém do sentido literal de seus constituintes.

Um caso parecido foi identificado na análise de *servente* em (17). O substantivo é analisável, uma vez que é possível reconhecer sua base verbal *servir*, que recebeu o sufixo. Em termos de transparência sintático-semântica, há uma correspondência semântica entre o verbo e o substantivo derivado, mas não uma correspondência sintática, pois, embora o substantivo se refira a alguém que serve, ele não especifica o argumento interno requerido pelo verbo, ou seja, a quem se serve. Por fim, constatamos não haver um sentido pragmaticamente estabelecido para o substantivo nessa ocorrência.

Assim, concluímos que casos como os de (16) e (17) apresentam maior grau de composicionalidade. Mesmo que o uso de *servente* indique menor composicionalidade quanto à herança sintático-semântica do verbo, o nome ainda é visto como mais composicional devido aos outros três parâmetros. Seguem as ocorrências (18), (19) e (20) para análise.

(18) A população, , em Porto Alegre ou no Rio, não quer ser envolvida em batalhas urbanas, em que só esteja em causa a correlação de forças. **Carente** de princípios, a polícia apenas atrai os que gostam de praticar a violência sob a chancela da manutenção da ordem. E, nesse caso, as estatísticas podem ser, mais do que nunca, enganadoras. (CPHPB, Séc. XX)

(19) COM OS CORREIOS De um nosso **assinante** em Diamante Estado de Minas recebemos a seguinte carta: Sr. Redator: Desde o dia 26 do corrente (terça-feira) que os **assinantes** nesta localidade não recebem o jornal (CPHPB, Séc. XX)

(20) Os cruzamentos com a Avenida Rodrigues Alves, na direção do Centro para Niterói, os subúrbios da Zona Norte e a Baixada Fluminense, viram um campo de batalha, onde triunfam os mais fortes (e mais pesados), tornando a volta para casa uma rotina **desgastante** e perigosa. (CPHPB, Séc. XX)

Nos dados acima, podemos constatar uma composicionalidade menor, em comparação às ocorrências (16) e (17) anteriormente apresentadas. No uso do adjetivo *carente*, em (18), percebemos não haver uma transparência tão perceptível com relação à base verbal, *carecer*, já que, durante o processo de derivação, seu radical sofreu alterações. No entanto, ao examinarmos a estrutura sintático-semântica do verbo e o uso do adjetivo no contexto, observamos a presença do complemento nominal, que é exigido como argumento interno do verbo. Uma vez que o falante caracteriza o referente *polícia* como *Carente de princípios*. Também percebemos uma correlação semântica entre a base verbal e o nome dela derivado, já que o adjetivo indica a ausência de algo. Todavia, essa falta não se refere a algo concreto ou literal. Isso pode estar ligado ao quarto parâmetro, visto que, neste uso, o termo se refere à

carência de valores morais ou éticos, um sentido que é estabelecido pragmaticamente pelo contexto, tornando o construto mais especializado e menos composicional. Logo, compreendemos que se trata de um caso de composicionalidade intermediária, a qual também se observa na ocorrência de *assinante* em (19).

Nesse excerto, é possível reconhecer a base verbal, *assinar*, o que confere um grau maior de analisabilidade. Porém, quanto à estrutura sintático-semântica, o nome mostra menor composicionalidade, pois não inclui o argumento interno requerido pelo verbo, ou seja, o elemento que foi *assinado*. Quanto à correspondência semântica, ainda podemos observá-la, já que o cliente deve ter assinado algum contrato para receber edições diárias do jornal em sua residência. Ainda assim, enfatizamos que há uma especialização de sentido, uma vez que o substantivo *assinante* é usado para se referir a alguém que adquiriu um serviço, e não mais ao simples ato de assinar algo, como um abaixo-assinado por exemplo.

Por último, analisamos o uso do adjetivo *desgastante* na ocorrência em (20), que revela um grau significativamente mais baixo de composicionalidade, com relação a todas as ocorrências apresentadas até agora.

O uso de *desgastante*, nesse contexto, é analisável, pois reconhecemos, facilmente, seu verbo-base, *desgastar*. Entretanto, quando consideramos os outros parâmetros, percebemos um nível acentuado de menor composicionalidade. O adjetivo em questão exibe menor transparência sintático-semântica em relação à sua base verbal, não apresentando argumento interno, nem demonstrando correspondência semântica com o verbo. Isso é perceptível porque o contexto se refere a um desgaste que não é literal, ou seja, não diz respeito a algo que está sendo fisicamente consumido. Esse sentido se instaura pragmaticamente, pois a rotina de volta para casa, *causa desgaste*, (sentido conotativo) referindo-se a um trajeto, que em decorrência do trânsito, torna-se *cansativo e exaustivo*.

Dessa forma, mostramos como os quatro parâmetros de composicionalidade são relevantes para definir os usos de um *continuum* da construção X-nte, por meio da correlação desses fatores no uso dos substantivos e adjetivos analisados.

O diagrama 1 ilustra o *continuum* de composicionalidade, no qual os itens lexicais instanciados pela construção se distribuem, refletindo usos com maior e menor grau de composicionalidade. Os usos mais composicionais são identificados por traços como: maior analisabilidade, maior herança da estrutura sintático-semântica, maior correspondência de sentido entre a base verbal e o nome derivado e menor especialização semântica. Por outro lado, usos menos composicionais são aqueles que apresentam, menor analisabilidade, menor herança da estrutura sintático-semântica, menor correspondência de sentido e uma maior especialização semântica. Entre os dois extremos, situa-se o que chamamos de *composicionalidade intermediária*, que não está representada no diagrama, pois resulta das diversas combinações entre dois traços (parâmetros), quaisquer que sejam eles.

Diagrama 1: *Continuum* de composicionalidade.

Continuum

+ composicionalidade		- composicionalidade
	⇔	⇔
+ analisabilidade	⇕	- analisabilidade
+ herança sintático-semântica		- herança sintático-semântica
+ correspondência de sentido		- correspondência de sentido
- especialização semântica		+ especialização semântica
+/- composicionalidade (intermediária)		

Fonte: autoria própria.

Uma vez estabelecido o *continuum*, direcionamos nossa atenção para os dados com o intuito de contabilizar, a partir dos contextos de uso, quais instâncias seriam marcadas como mais composicionais, como menos composicionais, e, também, os casos que se situam na esteira da composicionalidade intermediária. A tabela 3 apresenta os resultados obtidos:

Tabela 3: Distribuição dos nomes em -nte no *continuum* de composicionalidade

	+ Composicional	+/- Composicional	- Composicional	Total
Substantivos	104	32	12	148
Adjetivos	111	92	16	219
TOTAL	215	124	28	367
(%)	58,6	33,8	7,6	100%

Fonte: autoria própria.

Os resultados mostram, de forma geral, que os nomes em *-nte* são mais composicionais, representando quase 60% de todas as ocorrências analisadas no *corpus*. Em comparação com outros níveis de composicionalidade, os dados indicam que um pouco mais 33% dos nomes estão em um “meio termo”, entre os usos mais e menos composicionais, ou seja, são intermediários. Enquanto, um pouco mais de 7% dos nomes apresentaram menor composicionalidade em mais de dois parâmetros.

Esses números estão alinhados com o que antecipamos acerca da categoria dos substantivos, conforme nossa hipótese inicial, o que gerou um impacto significativo para o resultado final. Em se tratando dos adjetivos, esperávamos encontrar uma maior quantidade de usos intermediários e menos composicionais, especialmente em parâmetros que poderiam favorecer esses casos, mas que não foram tão frequentes na análise como, por exemplo, casos que envolviam a presença de projeções metafóricas e metonímicas, ou processos sociointeracionais, como a intersubjetividade e inferenciação pragmática.

Assim, constatamos que, em três dos quatro parâmetros analisados, os nomes se mostraram mais composicionais. Esses parâmetros foram: a analisabilidade, com a maioria dos construtos sendo mais analisáveis; a correspondência de sentido entre verbo e nome derivado, parâmetro no qual grande parte dos nomes apresenta transparência semântica com seus verbos de origem e a especialização semântica em que as ocorrências se mostraram menos especializadas pragmaticamente. Portanto, concluímos que o único parâmetro em que os nomes

exibiram uma frequência maior de usos intermediários ou menos composicionais foi na herança da moldura sintático-semântica do verbo-base.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos achados desta pesquisa, foi possível avaliar, à luz dos princípios funcionalistas e da Gramática de Construções, o grau de composicionalidade da construção nominalizadora $[[X]_{V-nte}]_N$, em suas diversas instâncias de uso. Para tanto, ocupamo-nos em identificar as propriedades formais e funcionais que influenciam a composicionalidade dos nomes, bem como as motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas que podem estar presentes em seus contextos de uso.

A partir da análise de ocorrências escritas em português ao longo do século XX, verificamos que os nomes em *-nte* apresentam alto grau de composicionalidade, como demonstra os dados quantitativos da pesquisa. Eles evidenciam que a correspondência entre a forma e a função dos nomes é mais transparente. Para chegarmos a esse resultado, utilizamos quatro parâmetros basilares como critérios de análise, sendo eles: a analisabilidade; a herança pelo construto da moldura sintático-semântica do verbo-base; a correspondência semântica entre o verbo e o nome deverbal; e a possibilidade do construto expressar sentidos especializados intersubjetivamente.

Em suma, observou-se que os nomes em análise são predominantemente mais analisáveis, apesar de algumas construções ainda preservarem formas cristalizadas do latim. O estudo também mostrou que a maioria dos substantivos e adjetivos analisados não preservam mais a herança da estrutura argumental de seus verbos-base, o que, em alguns contextos, se deve a motivações semântico-cognitivas e/ou discursivo-pragmáticas.

No âmbito dos parâmetros funcionais, notou-se uma significativa correspondência semântica entre os nomes e seus verbos de origem. Embora, em algumas situações, tenha sido observado o uso de mecanismos cognitivos, como projeções metafóricas e metonímicas, que podem expandir o significado dos nomes, permitindo ao falante associar noções de um domínio cognitivo para acessar diferentes entidades ou aqueles de mesmo domínio, tais ocorrências foram pouco frequentes em nosso *corpus*. Quanto à especialização de sentido, resultante de negociações intersubjetivas ou de inferências pragmáticas, a construção demonstra em seus usos não exibir tantos sentidos, mas ainda preservar uma correspondência direta entre aspectos formais e funcionais, cuja motivação tem relação com a base verbal do nome.

REFERÊNCIAS

BYBEE, J. L. **Morphology: a study of the relation between meaning and form**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.

_____. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

BISPO, E. B.; CORDEIRO, F. S. A construção de sentidos no uso de adjetivos em *-nte*: uma abordagem funcional - cognitiva. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista - BA, v. 18, n. 1, p. 85 - 104, 2020.

BISPO, E. B.; LOPES, M. G. Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação. **Odisseia**, Natal/Rn, v. 7, n. especial, p. 1-10, 2022. Jan.- Jun.

CAMACHO, R. G. **Classes de palavras na perspectiva da Gramática Discursivo Funcional**: o papel da nominalização no continuum categorial. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CORDEIRO, F. S. **Construção nominalizadora de particípio presente**: uma abordagem funcional centrada no uso. 104f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós - graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

CORDEIRO, F. S. **Nomes em -nte sob o viés diacrônico**: uma abordagem funcional centrada no uso. 2021. 219f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

CORDEIRO, F. S. Atuação de processos sociointeracionais e projeções conceptuais na extensão semântica de nomes deverbais em –nte. **Revista Odisseia**, [S. l.], v. 7, n. Especial, p. 109–130, 2022. DOI: 10.21680/1983-2435.2022v7nEspecialID27548. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/27548/15572>. Acesso em: 12 ago. 2024.

CORDEIRO, F. S.; BISPO, E. B. Nomes em –nte: recategorização do particípio presente e fluidez categorial. **Prolíngua**, Paraíba, v. 17, n. 1, p. 14-29, 01 ago. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/62310/35897>. Acesso em: 12 ago. 24.

CORDEIRO, F. S.; BISPO, E. B.; LUCENA, N. L. Esquematicidade, produtividade e composicionalidade de nomes deverbais em –nte. **Letras Escreve**, Macapá, v. 11, n. 1. p. 111-125, 2021.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2ª ed. Cortez editora; 1995.

CROFT, W. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

FURTADO DA CUNHA; M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2013b. p. 13-39.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pressupostos teóricos-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Revista do GELNE**, Natal/RN, vol. 15 Número Especial: 53-78. 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDBERG, A. **Constructions**: a construction approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticization: Opposite or orthogonal. In: BISANG, W.; HIMMELMANN, N. P.; WIEMER, B. (Ed.). **What makes grammaticalization?**: A look from its fringes and its components. Berlin:Walter de Gruyter, 2004, p. 21-42.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. In: **Berkeley Linguistics Society**. v. 13, p. 139-157, 1987.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**. Vol 1: Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

TOMASELLO, M. (Ed.) **The new psychology of language**: cognitive and functional approaches to language structure. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.